

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

ESCRITA E SUBJETIVIDADE NOS MANUAIS DE ENSINO

Ana Maria Di Renzo

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

O presente trabalho objetiva analisar a concepção de escrita nos instrumentais de ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, tomaremos esses instrumentais na concepção de (Auroux,1992), uma vez que esses “se constituem como principal ferramenta de gramatização e ensino das línguas nacionais e constituindo um saber sobre a língua, sobre sua relação com o homem e, no nosso caso, a relação deste com a modalidade escrita da língua”. Segundo Auroux, o aparecimento da escrita significou uma das maiores revoluções tecnolinguística da nossa era, razão pela qual várias reflexões sobre a linguagem surgiram. Uma outra revolução na história das idéias linguísticas foi o processo de gramatização que transformou as formas de comunicação entre os homens e possibilitou ao ocidente sobrepor-se às demais culturas. Nesse sentido, nos interessa, na perspectiva do Projeto História das Idéias Linguísticas, compreender a constituição do sujeito-escolar na relação com os instrumentos linguísticos, especialmente, no que se refere à escrita. Dessa maneira, esses instrumentais serão tomados na sua relação com a construção de uma metalinguagem para a língua escrita no espaço escolar. Buscaremos, através da forma como os instrumentais materializam a relação do sujeito com a língua, compreender os sítios de significação nas quais se inscrevem a relação do homem com a língua escrita, espaço simbólico de sentidos que fundam modos de subjetivação, processos de identificação marcados por saberes político-discursivos que determinam tanto os processos de assujeitamento, quanto de resistência nas formas de dizer. Estudar as formas materiais de subjetivação implica dar visibilidade a uma política e a uma ética linguística, especialmente, quando considerarmos esta relação no contexto matogrossense, avaliado pelos exames nacionais como aquém da média de desempenho linguístico nacional. Para tanto, tomaremos esses instrumentais numa relação com as teorias sobre a escrita, com os cursos de formação em Letras e com os conhecimentos sobre a língua solicitados pelos exames que aferem o desempenho linguístico nacional. Tratar das práticas linguísticas nessas instituições é compreender como se dão os processos de subjetivação nas políticas linguísticas impostas pelo Estado e a relação do sujeito com a língua. Assumir esta reflexão significa compreender o Estado enquanto corpo simbólico que, pela relação com ideologia, sanciona formas de subjetividade. Essa afirmação é possível na medida em que tomamos a Escola enquanto espaço de produção e imposição de categorias de pensamento e de comportamentos que,

pela forma de relação com a língua, se dão como “efeitos das escolhas do Estado por nós introjetadas e, por isso mesmo, já incrustadas no domínio do inconsciente” (Mendonça, 1996).